

Congresso empossa parlamentares em clima de festa

Brasília — Cerca de 10 mil pessoas, vindas de todos os Estados, transformaram ontem a solenidade de posse dos novos 479 deputados e dos 25 senadores na maior festa política que Brasília viu desde sua inauguração em abril de 1960. Até as vaías ritmadas recebidas das galerias pelos Deputados Paulo Maluf (PDS-SP), Sebastião Curio (PDS-PA) e Agnaldo Timóteo (PDT-RJ) foram por eles ouvidas com bom humor e descontração.

— Governador, empatamos no veredicto das vaías, comentou no plenário, sorrindo, o Deputado Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curio, com o ex-Governador Maluf, que respondeu: “Esta foi uma resposta das oposições aos meus 700 mil votos.”

No plenário da Câmara, ao lado de Curio e dos Ministros César Cals, das Minas e Energia, e Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça, o Deputado Paulo Maluf concentrava todas as atenções dos parlamentares, principalmente depois que as galerias começaram a aplaudir e a vaia alguns dos nomes dos deputados que prestavam juramento de posse. Os mais demorados aplausos, contudo, surgiram quando o secretário da Mesa, Deputado Furtado Leite (PDS-CE), anunciou o início da leitura dos nomes dos representantes do Rio de Janeiro.

Luiz Borba, diretor de Segurança da Câmara, há 20 anos em Brasília, foi quem calculou em 10 mil o número de pessoas presentes nas galerias, nos plenários e nos salões da Câmara e Senado. A constatação de maior festa política já vista por Brasília foi feita pelo secretário-geral da Mesa da Câmara, Paulo Afonso Martins de Oliveira, que esteve presente em todos os acontecimentos da vida do Poder Legislativo na Capital federal.

Rio

A bancada do Rio de Janeiro, como um todo, e Juruna, do PDT, em particular, receberam as grandes manifestações de apoio das galerias. Durante dois minutos, Juruna, que tomou assento entre os convidados, na galeria, ao prometer cumprir a Constituição, foi aplaudido de pé. Em baixo, na primeira fila do plenário, os Ministros Cesar Cals e Ibrahim Abi-Ackel olhavam para o alto e sorriam. Próximo deles, o Governador eleito do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, observava a um jornalista: “Este é o Brasil verdadeiro, o Brasil que se entusiasma com a eleição de Juruna. Aqui se consagra a abertura democrática empreendida pelo Presidente Figueiredo”.

As 15h20min, o Presidente da Câmara, Nelson Marchezan, invocando a proteção de Deus, como é praxe, deu início à solenidade. Explicou que depois de fazer o juramento, de acordo com o regulamento da Câmara, todos os deputados deveriam responder com a frase “eu prometo” ao juramento que reza obediência à Constituição”. O compromisso diz: “Prometo guardar a Constituição federal, desempenhar fiel e lealmente o mandato que me foi confiado e sustentar a união, a integridade e independência do Brasil”.

O líder do PMDB, Deputado Freitas Nobre, pediu a palavra para avisar que os 200 deputados de sua bancada assumiriam o compromisso com a ressalva de defender uma Assembleia Nacional Constituinte. A tese recebeu duas vezes aplausos das galerias. O Presidente da Câmara pediu então ao Deputado Furtado Leite que começasse a chamar os nomes dos deputados para o juramento formal.

O primeiro nome chamado foi o do Deputado José Tavares (PDS-PR) que se recupera de um acidente automobilístico sofrido durante a campanha. Ele deixou o hospital para ir ao plenário e assim que repetiu a frase de praxe: “Eu prometo”, voltou ao Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília.

Ouro do Pará

A chamada passou a obedecer ao regulamento começando pelo Acre, Amazonas, Rondônia e Pará. Pelo Pará, Lúcia Viveiros subiu à mesa, ergueu o braço esquerdo onde ostentava quatro pulseiras de ouro maciço além de um relógio — segundo ela representavam a riqueza de seu Estado — e disse a frase “eu prometo”. Foi vaiada.

Para as bancadas do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, a galeria não fez manifestações. Reservou-se para Pernambuco. Cristina Tavares — PMDB — recebeu aplausos na mesma intensidade que Jarbas Vasconcelos do mesmo partido. Miguel Arraes, porém, quase não conseguiu pronunciar o compromisso por causa da intensidade de palmas que ecoou no plenário quando teve seu nome mencionado.

Quando Furtado Leite disse que passaria a chamar a bancada carioca, a plateia começou a aplaudir. Saturnino Braga interpretou os aplausos: “A escolha feita pelos cariocas em novembro, quando elegeram uma bancada onde há o cantor Agnaldo Timóteo, o índio Juruna, o governador Brizola e o negro Abdias Nascimento, que como 1º suplente deverá assumir o mandato ainda neste semestre”.

Agnaldo Timóteo foi aplaudido e vaiado e de braços abertos jogou beijos para o ar. Amaral Neto, do PDS, recebeu também, em menor escala, vaías e aplausos. E o poeta J. G. de Araújo Jorge só palmas. O Deputado ligado à corrente do ex-Governador Chagas Freitas, Jorge Leite, foi também aplaudido, assim como José Eudes, único representante do PT fluminense.

O delírio das pessoas da galeria, como interpretou o Deputado Bonifácio de Andrade, ocorreu, porém, quando o Deputado Furtado Leite chamou Mário Juruna. Durante mais de dois minutos ele foi aplaudido, inclusive pelo Major Curio. Curio observou a plateia aplaudindo o índio. Disse que a “democracia era aquilo ali” e sorriu.

Senado

“Este é o instante do encontro da esperança com o desespero, da ilusão com a realidade, do mito com o fato, da verdade com o irreal, do Estado com a nação.” As palavras foram ditas pelo Senador Passos Porto (PDS-SE), Vice-Presidente do Senado Federal, ocupando o lugar do Senador Jarbas Passarinho, ao dar as boas-vindas aos 25 senadores empossados para um mandato de oito anos.

Entre os 25 empossados no Senado nessa 47ª legislatura, um ex-cassado volta à Casa depois de 18 anos de afastamento da vida pública: Mauro Borges, ex-Governador de Goiás, cassado no Governo Costa e Silva. “O povo goiano lavou nossas mágoas”, comentou o eleito, referindo-se aos intensos aplausos recebidos da galeria. Em seu mandato, Mauro Borges promete defender uma nova Constituição, a devolução dos poderes ao Congresso e as eleições diretas para Presidente da República.

Na Câmara, houve uma recepção para 3 mil pessoas. As comidas e bebidas acabaram numa hora. Dezoito caixas de refrigerantes, cinco caixas de champagne e 4 mil salgadinhos, de cinco tipos, foram servidos noutro coquetel oferecido no salão nobre do Senado Federal. Durante o coquetel, Saturnino Braga (PDT-RJ) aconselhou os parlamentares com quem conversava a não proporem projetos de lei em defesa de idéias: “A meta não é apresentar projeto, é formar as correntes de opinião pública, apontar os caminhos alternativos e brigar para derrotar os projetos que o Governo está mandando. Apresentei dezenas de projetos na legislatura passada e apenas um chegou ao plenário (o que disciplina a profissão do engenheiro de segurança do trabalho). Portanto, é inútil apresentar projeto.”

O mais novo Senador a assumir ontem, Carlos Alberto, tem 38 anos e chegou atrasado. Representante do PDS do Rio Grande do Norte, ele disse que defenderá os interesses dos jovens entre 18 e 30 anos. Alguns desses jovens circulavam pelas galerias do Senado vendendo o jornal Tribuna da Luta Operária a Cr\$ 70. Os únicos governadores eleitos a assistirem a solenidade foram Franco Montoro (SP) e Tancredo Neves (MG).

Brasília/J. França



Curio (E) dividiu com Maluf aplausos e vaías das galerias